



Limbo racial e seus desdobramentos: uma análise de Marrom e Amarelo, de Paulo Scott

Racial limbo and its ramifications: an analysis of "Brown and Yellow" by Paulo Scott

Ederson de Oliveira Cabral¹

 <https://orcid.org/0000-0002-3393-8340>

 <https://lattes.cnpq.br/9724417897329095>

Daniel Conte²

 <https://orcid.org/0000-0002-4251-3299>

 <http://lattes.cnpq.br/1006151597195479>

Barbara Paiva³

 <https://orcid.org/0000-0002-4512-0407>

 <http://lattes.cnpq.br/7207620921801366>

RESUMO

O artigo aborda a violência simbólica e seus efeitos na construção da identidade étnica, valendo-se da personagem Federico, no romance *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott. Destaca-se a importância da literatura na reflexão sobre temas raciais e na ressignificação da identidade étnica. Autores negros contemporâneos buscam espaço para suas narrativas, trazendo visibilidade a experiências não apenas subalternizadas, como também trágicas e traumáticas. A crítica literária desempenha papel fundamental nesse processo, uma vez que realça narrativas que fogem de estereótipos e evidencia como o racismo produz não apenas desigualdades materiais, mas também marcas psicológicas profundas. O método de pesquisa aplicado é qualitativo, utilizando leitura cerrada e análise heurística. Embasado na abordagem pós-colonial, o presente artigo objetiva identificar cenas que evidenciam a violência simbólica na obra, além de compreender seus efeitos na identidade de Federico. A análise pretende demonstrar como a literatura oferece uma percepção aprofundada dos afetos e conflitos vivenciados por sujeitos negros na sociedade brasileira.

Palavras-chave: racismo; trauma; memória; literatura negra; limbo racial.

ABSTRACT

This article addresses symbolic violence and its effects on the construction of ethnic identity, drawing on the character Federico in Paulo Scott's novel Marrom e Amarelo (Brown and Yellow). It highlights the importance of literature in reflecting on racial issues and in re-signifying ethnic identity. Contemporary black authors are seeking space for their narratives, bringing visibility

¹ Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS – Brasil. E-mail: edercabral@feevale.br

² Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS – Brasil. E-mail: danielconte@feevale.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Restinga, Porto Alegre/RS. E-mail: 10150049@restinga.ifrs.edu.br



to experiences that are not only subaltern, but also tragic and traumatic. Literary criticism plays a fundamental role in this process, as it emphasizes narratives that avoid stereotypes and highlights how racism produces not only material inequalities but also profound psychological scars. The research method applied is qualitative, utilizing close reading and heuristic analysis. Based on a post-colonial approach, this article aims to identify scenes that illustrate symbolic violence in the work, as well as to understand its effects on the identity of the character Federico. The analysis aims to demonstrate how literature offers an in-depth perception of the affections and conflicts experienced by black individuals in Brazilian society.

Keywords: racism; trauma; memory; black literature; racial limbo.

1. INTRODUÇÃO

Inesperadamente de pé
de pé no porão
de pé nas cabines
de pé no convés
de pé ao vento
de pé sob o sol
de pé no sangue
[...]
de pé nos cordames
de pé junto ao leme
de pé junto à bússola
de pé diante do mapa
de pé sob as estrelas

Aimé Césaire (1939)⁴.

Há mais de um século da abolição da escravidão em terras brasileiras, o pensamento que hierarquiza as pessoas conforme sua origem étnica ainda é latente, pautando o imaginário social desde uma discursividade racista. O racismo no Brasil é estrutural (Almeida, 2018), estruturante e sustentador de aparelhos que mantêm a operacionalidade dessa perversão política, o que incide diretamente na imagem que os negros ocupam em nossa sociedade. Os atos recorrentes do racismo tendem a provocar traumas nos sujeitos e afetar seus desenvolvimentos como agentes sociais. Nesse sentido, vale destacar o importante papel que a literatura desempenha no contexto sociopolítico contemporâneo.

A temática racial ocupa, hoje, múltiplos espaços de discussão em diferentes áreas de estudo, as quais buscam estabelecer comparações entre variáveis da vida social em que o racismo se manifesta. Nesse contexto, a literatura constitui, junto à história e à língua, pilares de sustentação das identidades e das culturas nacionais, ao redefinir fronteiras e diluir diferenças historicamente fomentadas pela permanente colonialidade, a qual impede a negociação cultural. Ademais, pode ser apontada como um importante espaço de reflexão e de transmutação da imagem estereotipada estabelecida ao longo da história por sujeitos brancos – os quais dominaram a cena literária; bem como o número de obras produzidas por eles ainda apresenta uma discrepância gritante em relação à produção literária da comunidade negra.

⁴ O poema se encontra em *Diário de um retorno ao país natal* [1939].



A identidade racial está ligada ao lugar que uma pessoa ocupa na estrutura social, não é um índice social de livre escolha do sujeito. Está relacionada a uma ideia de “raça” construída historicamente no país, que está conectada ao fenótipo do sujeito. Nessa ordem, tem sido evidente, na produção literária brasileira contemporânea, autores assumidamente negros que reivindicam sua existência (e sua negritude) e buscam ressignificar sua identidade étnica, possibilitando a voz e a visibilidade a sujeitos que foram subalternizados ao longo da história, ou, pelo menos, alcançam um suporte no qual a voz permanecerá, principalmente se essas narrativas forem lidas e analisadas.

Roberto Vecchi indica que a subalternidade produz domínios e hegemonias brancas no Sul Global, nos quais há dois traumas históricos, a saber: em primeiro lugar o do escravo e, num segundo, o do subalterno (Vecchi, 2016). O papel da crítica literária, nesse caso, é fundamental, pois uma obra que não encontra repercussão no âmbito acadêmico⁵ pode ser mais uma voz silenciada e sabotada, uma vez que trata de um espaço de trocas, de ideias, de conflitos e de desfazimento de amarras. Ao fugir de estereótipos presentes em romances e contos de autoria de sujeitos brancos e de estratos sociais outros, as obras de autores negros buscam mostrar que o racismo, além de desigualdades materiais, o que produz marcas psicológicas profundas. A opção por tal abordagem auxilia o sujeito negro a se apropriar da sua história, a entender suas mágoas, deslocamentos e conflitos. Assim, é possível que pensemos a literatura como estratégia que auxilia na construção de sentidos e na compreensão dos afetos que permeiam a relação dos negros na sociedade brasileira – explicitando, de certa forma, a fratura colonial (Ferdinand, 2022).

Nesse sentido, o presente artigo investiga como a violência simbólica gera traumas na constituição identitária da personagem Federico, no romance *Marrom e Amarelo*, de Paulo Scott. Para isso, primeiramente, serão identificadas cenas em que se evidencia essa violência para, em seguida, destacar seus efeitos na constituição identitária da personagem e suas implicações na representação literária.

Como trata de conteúdo simbólico, o método de pesquisa aplicado é o qualitativo, por meio de um procedimento de leitura cerrada e análise heurística. De acordo com Fábio Durão (2020), esse procedimento é regido por um princípio tautológico, pois a atribuição de causas e a comparação acontecem em relação ao próprio objeto. Seus gestos constitutivos são a seleção, imaginação interpretativa e a articulação como argumento desenvolvido, sob o respaldo teórico de alguns estudos pós-coloniais.

⁵ Pedro Demo (2014, p. 10) compara a universidade a um “sarcófago”, afirmando, não obstante que “seu exterior possa brilhar, o que guarda em seu interior é um cadáver”, tal metáfora alude a um modelo de instrução ainda colonialista em muitas instituições. Este modelo não apenas reforça as hierarquias raciais, priorizando perspectivas alinhadas com a branquitude, mas também minimiza as epistemologias que emergem das vivências e saberes de grupos racializados (Ferdinand, 2022). Assim, o sistema acadêmico se torna cúmplice na manutenção de uma visão de mundo que privilegia certos conhecimentos em detrimento de uma verdadeira diversidade intelectual. No entanto, a crítica literária e a abordagem pós-colonial podem atuar como ferramentas significativas para desafiar essa dinâmica, promovendo a valorização de narrativas marginalizadas e enriquecendo o debate acadêmico. Tais abordagens permitem a desconstrução (Spivak, 2022) de paradigmas dominantes, proporcionando espaço para narrativas diversas e ampliando o entendimento crítico sobre o contexto não somente da produção do conhecimento, como também da obra literária (Maingueneau, 2001).



2. DO LIMBO RACIAL: QUESTÕES DE COLORISMO, DE PÓS-MEMÓRIA E DO TRÁGICO

O filósofo Renato Janine Ribeiro (1999) observa que a formação do Brasil se baseou em dois traumas coletivos: o primeiro, ligado à violência da exploração colonial; o segundo, à crueldade inerente à escravidão que sustentou o processo de formação do Estado Nacional no período imperial. O Brasil foi o último país das Américas a proibir a escravidão e, passados 135 anos da abolição, ainda ressoa em nossa sociedade os efeitos dos 388 anos sob a égide escravocrata. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019) mostram que 56% da população brasileira é negra. A superioridade nos números, no entanto, ainda não se reflete na sociedade brasileira, justamente pelas estruturas de Estado que permitem a naturalização da hierarquia inter-racial, oficializando diferenças brutais entre brancos e negros.

O posicionamento de Stuart Hall (2006, p. 62) põe em xeque o termo “raça”, pois, para o teórico cultural e sociólogo jamaicano-britânico, raça trata de uma falácia:

[...] a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de “raças” quanto entre uma “raça” e outra. A diferença genética - o último refúgio das ideologias racistas - não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.

Já para João Camilo Penna (2015), a noção de raça funciona como um importante operador biopolítico, determinante na colonização e na escravidão latino-americanas. Fica claro, dessa forma, que raça é um conceito epistêmico que não se ampara nem na biologia tampouco na genética. Ainda, para somar, recorre-se ao pensamento de Colette Guillaumin (2014), que define raça como um signo cujo significado somente pode ser encontrado na experiência do racismo, uma categoria que sustenta e é sustentada por mecanismos de controle social. Isto é, segrega a sociedade em sujeitos brancos e sujeitos racializados, como aponta Malcom Ferdinand (2022).

No Brasil contemporâneo, um dos instrumentos do racismo é o colorismo, o qual surge como um quadro identitário racial e político que plasma os sujeitos em um arquétipo pré-definido (Devulsky, 2021). Quanto mais escuro, maior o racismo. E quanto mais claro, maior a dificuldade de leitura racial. Nem preto demais para ser negro, nem claro o bastante para ser branco. A cor de pele é utilizada como principal elemento marcador de estigmas e estereótipos, incidida por meio do racismo e fronteiras simbólicas muito rígidas. Assim, a construção da identidade (cultural, social, individual) se dá de forma relacional e dialógica - mas verticalizada e imposta - entre o sujeito negro e a sociedade (Bento, 2021). Portanto, relacionar tais questões, informações, dados de gênero, raça e, também, classe social, exhibe a ideia de que a ascensão econômica apaga os efeitos do racismo estrutural e isso está em xeque em *Marrom e Amarelo*.

Natural de Porto Alegre, Paulo Scott é autor de cinco romances, um livro de contos, sete de poesia e um romance gráfico. *Marrom e Amarelo*, de 2019, é a obra que mais apresenta pontos em comum entre a trajetória do autor e a ficção. Assim como Federico, Scott também cresceu no bairro Partenon, zona leste da capital gaúcha. O



autor se autodeclara “negro pardo”; seu pai e seu irmão são mais retintos. O pai o chamava de “Amarelo” e o irmão de “Marrom”. Contudo, o autor nunca se viu em um “não lugar” e afirma que, apesar de tais paralelos, *Marrom* e *Amarelo* não é autobiográfico, todavia relata ter participado de reunião do movimento negro em que lhe disseram que não era “negro porque **não** tinha a pele retinta ou o fenótipo” (Gabriel, 2019, grifo nosso).

Nesse romance, o autor traz à luz os modos pelos quais o racismo diário opera, bem como a raiva que faz brotar naqueles que o vivenciam. Por meio dos irmãos Federico e Lourenço, são desvelados elementos do racismo e do colorismo que marcam a nossa sociedade e que são cruciais na formação identitária do país. Frutos de um casamento inter-racial, os dois são muito diferentes. Federico, o mais velho, é claro, “de cabelo lambido”. Já Lourenço é preto retinto. Oriundos da classe média porto-alegrense, crescem sob a pressão da discriminação racial. Federico, o narrador da história e objeto de análise deste trabalho, carrega uma dor que vem da incompletude dos enfrentamentos raciais, nos quais não conseguiu se posicionar como achava que deveria.

Episódios diários de racismo – desde ser alvo de preconceito até assistir a casos de violência sofridos por outras pessoas do mesmo grupo racial – têm um efeito, muitas vezes, invisível, porém duradouro sobre a psique. No ensaio *Além do princípio do prazer*, Sigmund Freud (2016) aponta que o trauma é uma poderosa excitação capaz de atravessar o chamado escudo protetor da psique humana. Posto isso, como resposta do corpo a esse evento, há uma grande descarga de energias que entram em conflito constante, levando a um distúrbio negativo em decorrência de um evento traumático.

Ao pensar o trauma como história e história como trauma, pode-se evocar parte do constructo teórico de Vecchi (2013): o trauma pode ter um aspecto um tanto metafísico, pois, provavelmente, as gerações posteriores conseguem elaborá-lo. Federico é aquele que elaborará o trauma e o exibirá como memória e pós-memória, além de se posicionar diante das fraturas, sempre negativas, dos episódios traumáticos. Ele não carrega apenas sua carga traumática subjetiva, mas também a de todo um coletivo negro. Federico ficou preso nas consequências de uma situação extrema em que se envolveu ao acaso, quando tinha 17 anos, na qual, pelos seus próprios critérios, deveria ter agido e se posicionado como negro:

[...] disse que eu só estava autorizado a me apresentar diante dos oito porque teve um dia, um implacável dez de agosto de mil novecentos e oitenta e quatro, que, apesar dos anos que se passaram, continuava girando dentro da minha cabeça, turbilhão num eterno tempo presente, um dia em que testemunhei e vivenciei, como nunca tinha testemunhado e vivenciado, toda a covardia da hierarquização das cores de pele praticada no Brasil, toda a covardia dum massacre psicológico, dum distúrbio psíquico de larga abrangência social, que não ia acabar tão cedo, um dia que tinha me deixado louco por um bom tempo, mas depois tinha me feito reagir com violência e depois com alguma lucidez. Foi quando os oito começaram a me escutar (Scott, 2019, p. 15).

Esse trecho destaca um evento surpreendente que continua reverberando na vida do narrador, pois descreve uma experiência de discriminação baseada na hierarquização



da cor da pele no Brasil, refletindo as estruturas persistentes e os resultados do legado colonial. A fratura colonial se revela na vívida memória do narrador, enfatizando a continuidade das divisões e desigualdades arraigadas na história colonial brasileira. Essa experiência traumática de Federico, sem dúvida, é um massacre psicológico, ressurgida no presente e demonstra como persistem as dinâmicas de poder do passado, o que o impacta nas percepções e experiências contemporâneas.

A partir de uma perspectiva pós-colonial, observa-se a luta do narrador para processar esse evento. Sua reação inicial, marcada pela violência, logo se transforma em uma busca de clareza e compreensão, o que reflete uma intenção de confrontar e resistir às estruturas opressivas estabelecidas pela colonização ainda hoje presentes na sociedade. Logo, o trecho apresentado anteriormente ilustra a totalidade dos legados pós-coloniais, enfatizando como as “heranças” do passado continuam afetando profundamente as experiências individuais e coletivas no presente.

Dessa forma, a memória está ligada à questão das lembranças, dos conhecimentos, das ideias, dos fatos adquiridos no momento pregresso. Assim, ao assumirem o papel de sujeito – que sempre foram, porém tiveram seus mundos tomados ou destruídos e um futuro negado –, os negros assumem o direito de definir suas próprias realidades, de estabelecer suas próprias identidades e de nomear suas histórias. Lia Schucman (2018) afirma que toda identidade é construída e constituída de forma dialógica. Não há como um sujeito se reconhecer de forma positiva se a sociedade em que ele está inserido produz, acerca de seu grupo, estereótipos, preconceitos e discriminações que restringem a possibilidade de serem reconhecidos como seres humanos em igualdade e usufruir de uma humanidade igual, por assim dizer, desses sujeitos.

Federico integra um núcleo familiar formado a partir da união entre um homem preto retinto e uma mulher branca – em um dos estados mais racistas do Brasil; o Rio Grande do Sul. Essa composição étnica híbrida lhe causa, em inúmeros momentos, um estranhamento, principalmente nas relações externas, visto que socialmente é lido como um sujeito branco, ao contrário de seu irmão, lido como negro.

É que, às vezes, as pessoas estranham isso d’eu me afirmar como negro, isso d’eu demarcar que sou negro, explico. Mas tu é negro, um negro pardo, ela observa, Qual é o drama, pergunta. O que eu tô querendo dizer é que mesmo que eu fale pras pessoas que eu sou negro, isso é pouco, Por que eu não entendo quase nada do que é ser negro, falando em termos de cultura, Se não fossem os churrascos nos domingos que a gente passa, de vez em quando, na casa dos primos do pai, nem o que é samba de verdade eu ia saber direito o que é (Scott, 2019, p. 112).

A partir da afirmação de suas identidades, autores gaúchos que reivindicam sua afrodescendência vêm disputando territórios textuais até então ocupados por narrativas hegemônicas, como os campos do conhecimento e da produção cultural, na mesma medida em que reivindicam também novos regimes de representação e visibilidade. Esse processo resulta na recusa programática do modelo clássico de representação literária subalterna,

[...] amplamente praticada pelos diversos nacionalismos latino-americanos, de ventriloquismo do subalterno pelo intelectual nacional,



falando pelo indígena, negro, ou povo, segundo configurações específicas históricas e nacionais, como tropo da nação (Penna, 2015, p. 8).

O poeta e ensaísta Cuti (2010) assevera que a literatura tem o poder de injetar em várias gerações a seiva de suas conquistas, ou o teor de suas misérias. O crescente número de autores negros publicados na contemporaneidade chancela essa afirmação. Ao se assumir como sujeito do discurso literário, autores negros buscam ocupar um lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar das mais variadas maneiras, ostensiva ou disfarçadamente. A recusa do mundo está posta para os sujeitos negros, pois o opositor branco é um ser indiferente, que abandona o coletivo negro; é xenoguerreiro, pois elimina de múltiplas formas os sujeitos não-brancos; é um sacrificador, que imola aqueles que subalterniza; é um senhor-pratriarca, uma vez que busca a subjugação daqueles que são diferentes; por fim, é o devorador do mundo, já que garante o seu mundo às custas do mundo dos outros (Ferdinand, 2022).

Tudo isso, sem o estudo sistemático da literatura dos sujeitos negros, pode ficar oculto e silenciado no âmbito das letras. No entanto, há uma faísca acesa por meio, também, dessa literatura. O exercício da literatura se associa, assim, em sentido amplo, aos movimentos de afirmação do negro, a partir de uma tomada de consciência de sua situação social. Quando esse sujeito social assume a autoria das narrativas, percebe-se uma mudança radical na representação dos negros. Sujeito da escrita, assim como objeto, ele constrói imagens que buscam confrontar aquelas criadas por outras vozes e narrativas não-negras.

Posto isso, Cuti (2010, p. 25) aponta as contradições e as consequências do preconceito e da discriminação racial, demarcando um “ponto diferenciado de emanação do discurso, o ‘lugar’ de onde fala”. Ademais, ao recorrer ao pensamento de Jeffrey C. Alexander (2016, p. 207, tradução nossa), seria possível afirmar que as narrativas sobre o trauma, ao estabelecerem novos interesses ideais, “podem detonar reparações significativas no tecido social”. Uma reconexão com um passado que foi tragicamente ressignificado e, por conseguinte, negado.

De acordo com Barnaba Maj (2003, p. 9, tradução nossa),

[...] existe o trágico quando se tem uma ideia, a qual está acima e é mais forte que a própria vida humana, que, portanto, é sacrificada [...]. O trágico é a tentativa de dar um termo ao nome da dor. Isto não pode ser feito sem o nome dos deuses [...] os nomes ou o nome de Deus [...]. Dizer que houve um “trágico” acidente de carro é um absurdo, se se refere ao incidente em si. Mas poderia não ser, se nomeasse para quem e para os quais tiveram a perda [...].

O trágico pode ser entendido, aqui, como um trágico histórico, pois se apresenta como um impasse, ou uma impossibilidade de superação de uma determinada posição social. Nesse sentido, seria possível afirmar que as ressonâncias do período escravocrata, que perpetuam estereótipos negativos em relação à pessoa racializada, interferem na construção de sua identidade, trazendo para este sujeito grande sofrimento psíquico. Desse modo, como explica Hall (2013, p. 384); “é somente pelo



modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”.

A análise da obra e, por conseguinte, da personagem Federico exigem uma compreensão mais apurada a respeito de conceitos como a formação da imagem de um Rio Grande do Sul eminentemente branco, superior, com feições europeias e o apagamento da escravidão de africanos e seus descendentes nessa região do país. Assim, observa-se que Federico integra um núcleo familiar inter-racial que o coloca num espaço de “não-lugar”⁶. Lia Schucman (2018) observa que a raça não atua apenas como elemento organizador, mas também como geradora de dinâmicas, discursos, conflitos e hierarquias intrafamiliares. Apesar de se ler como um sujeito negro, Federico sabe que não é lido socialmente como tal, desfrutando dos privilégios de uma sociedade, na qual os corpos são hierarquizados pela pigmentação da pele. Por esse motivo, o papel dele acaba sendo o de proteger o irmão preto retinto.

Ele pegou o celular e pediu pra eu fazer uma foto. Quando vi que estava com flash ligado, desliguei, tirei a foto. Lourenço pediu pra eu fazer outra usando flash. Mudei de ângulo e, sem acionar o flash, tirei mais duas fotos, disse que fotos com flash é para amadores, devolvi o celular. [...] Lourenço conferiu as fotos e me falou Tu sempre insiste em não usar flash, Derico, Mas tem que usar flash comigo, senão quando tá assim meio escuro eu não apareço direito, Disse aquilo com uma tranquilidade cortante, Balancei a cabeça, mostrei que tinha entendido. [...] fui até o banheiro, entrei num dos boxes das privadas, fechei a porta e chorei, chorei como não chorava há um tempão, Você entende, perguntei, Sou tão orgulhoso e envaidecido de ser o irmão mais velho, De ser o protetor, Mas, droga, levei anos, décadas pra perceber aquele detalhe tão óbvio e tão importante, Imagina o resto, falei (Scott, 2019, p. 65).

Nesse excerto, evidencia-se a tendência de acreditar no discurso colonial de poder e força, perfeitamente aceito e transmitido de geração em geração, o que não é apenas trágico, mas também traumático. Além disso, carrega uma pós-memória, tanto familiar quanto coletiva. Nesse sentido, é significativo o conceito de pós-memória em virtude de se definir na intenção de criticamente pensar os legados e patrimônios mais subjetivos a partir de uma multiplicidade de opções: literária, ensaística, poética, visual, musical, cinematográfica e documental (Kaplan, 2013). Ademais, há um desdobramento desse conceito, pois a pós-memória, em sua diversidade, complexidade e riqueza em termos de experiências, de lugares e de formas de dialogar, sentir, confrontar aquilo que não foi vivido como memória pessoal, pode, pela interação cotidiana, doméstica e constante, ir sendo validada como de alguém que não traz a experiência, tampouco a memória, mas se apropria delas e as conduz como suas (Vecchi, 2023).

A situação de Federico é de um trágico perturbador, pois a percepção parte de dentro do núcleo subalternizado; é traumático porque porta uma fissura social e comportamental. O trecho anteriormente transcrito trata da identidade racial, do privilégio e do reconhecimento dentro das relações familiares. Federico, ao confrontar

⁶ Para Marc Augé (2023), o não-lugar se refere a espaços que não possuem a mesma identidade, história ou relações interpessoais que os lugares tradicionais. Esses locais são caracterizados pela transitoriedade, falta de relação social e ausência de significado cultural ou identitário para as pessoas que os frequentam.



a discrepância entre sua identificação pessoal e a percepção social, enfrenta um conflito de identidade. O diálogo sobre o uso do *flash* na foto entre os irmãos simboliza a necessidade de visibilidade e validação externa. A reação emocional de Federico indica um momento de autoconsciência e compreensão mais profunda, sem deixar o trágico e o trauma ocultos. Uma identidade sólida é fundamental para o desenvolvimento humano. O processo é longo e novos aspectos são absorvidos no decorrer dos anos. Questões sobre pertencimento e individualidades são levantadas, não obstante nem sempre resolvidas.

Deve ter sido difícil pra ti colocar eu e o Lourenço na mesma gaveta, eu falo. Somos uma família, Federico, Estamos os quatro dentro da mesma gaveta, diz. Mas se tu não tivesse tido um filho escuro e um filho desbotado e, no lugar, tivesse dois filhos desbotados ou dois filhos escuros, tu nunca ia ficar batendo nessa tecla de que a gente é uma família negra, provoco (Scott, 2019, p. 111).

A experiência do racismo é sempre muito singular e, numa análise individual, pode se tornar decisiva no curso de elaboração da angústia e na formação dos traumas. Não falar sobre eles é a estratégia adotada por muitos como uma forma de negar – ou ocultar – sua existência e o sofrimento por eles causado. O diálogo de Federico com a mãe é um exemplo dessa dinâmica:

Teu pai é da polícia, Tu sabe todos os riscos que ele corre, Tu sabe o preço que ele paga para não precisar baixar a cabeça para os superiores dele, que são todos brancos, sim, Tu sabe o preço que ele paga por ser honesto, decente, às vezes até demais, Teu pai não pensa em cor, não olha para cor, para a cor da pele dele, para cor da pele dos outros, Ele não perde tempo com isso, Racismo, Ele se vê como um homem, Como um homem que não deve nada para ninguém, E ele age, Ele faz, Ele vive, Nós enxergamos o racismo, Nós sabemos o que é racismo, mas não cedemos (Scott, 2019, p. 112-113).

Aqui, é narrada a reflexão sobre a perspectiva do pai de Federico para o enfrentamento do racismo. O pai é descrito pela mãe como alguém que, apesar de estar imerso em um sistema em que o racismo está presente, tenta se manter alheio a essa questão. O pai é retratado como alguém que se vê apenas como um homem, alguém que não se deixa definir ou limitar por questões raciais. Ele se esforça para ser íntegro e justo, mantendo-se alheio à ideia de raça ou de cor, focando na própria ética e moralidade. Entretanto, o trecho também sugere que, apesar de sua atitude de não se deixar afetar pelo racismo, o pai está consciente da existência desse problema social. Isso fica evidente quando a mãe aponta que; “Nós enxergamos o racismo, nós sabemos o que é racismo, mas não cedemos” (Scott, 2019, p. 113), sugerindo que, embora o pai possa tentar não se envolver com as questões raciais, o contexto ao seu redor não permite ignorar a realidade do racismo.

Contudo, ser um pardo claro acarreta o questionamento da legitimidade para se ter uma atuação contra o racismo como sujeito negro, já que socialmente sua identidade racial é sempre refutada, como demonstra a passagem em que Federico reencontra Caio, um antigo conhecido do bairro onde crescerá:

Meu chapa, vou te dizer o seguinte, Tu meio que te acha, né, Deve ser divertido posar de porta-voz da galera, rei da teoria, protagonista,



Tarzan da macacada, Diz aí, Veio conferir a macacada, Tirar uma onda com a macacada, olhou ao redor e voltou a me encarar, [...] Eu achava curioso tu ser irmão do Lourenço, porque ele era preto e tu era branco pra caralho, E eu pensava que se vocês eram irmãos, apesar dele ser marrom e tu palmito, se ele era legal, tu devia ser legal também, [...] Tu é metidão, Federico, sempre foi, Olha tua cor, olha o teu cabelo, o jeito que tu usa esse teu cabelo lambido, Tu tem essa tua casca de branco, essa pele passe-livre do caralho, Tu nunca vai entender o que é ser preto, ser um fodido perseguido vinte e quatro horas na tua rua, no teu bairro, na tua cidade, Tu não sabe, Tu é metidão, Por isso, cumpádi, não vacila, [...] Tu não sabe o que é ser raça, Não te mete a defensor da causa, seu palmito zé roela oportunista de merda (Scott, 2019, p. 98).

Tal trecho aborda a questão da identidade racial e da percepção social que um sujeito de pele mais clara enfrenta ao se identificar e se posicionar contra o racismo, especialmente quando essa identificação é contestada pela sociedade. Federico é confrontado por Caio, um conhecido de seu passado, que questiona sua autenticidade ao se posicionar como um defensor da causa negra. Caio associa a ilegitimidade de Federico em agir contra o racismo à sua aparência física, apontando seu tom de pele claro e seu cabelo alisado como evidências de sua “branquitude”. Ele desconsidera a possibilidade de Federico ser negro devido ao contraste físico com seu irmão, Lourenço, que tem uma tonalidade de pele mais escura. Caio, ao associar a identidade racial de Federico apenas à sua aparência física e não à sua experiência ou identificação pessoal, destaca um fenômeno comum na sociedade: a negação da negritude de sujeitos de pele mais clara e a imposição de estereótipos baseados na aparência física. Estaria aí, portanto, um “limbo racial”.

Essa passagem ilustra como indivíduos de pele mais clara, mesmo identificando-se como negros e engajados na luta contra o racismo, podem enfrentar resistência e questionamentos sobre sua autenticidade racial por parte daqueles que aderem a uma visão estritamente superficial ou estereotipada das identidades raciais. Essa experiência de ter sua identidade racial questionada pode criar um dilema interno e dificultar a participação ativa na luta contra o racismo, especialmente quando essa validação é exigida pelos próprios membros da comunidade negra.

Na sociedade brasileira, as relações se estabelecem baseadas em um modelo racial que tem como padrão ideal o sujeito branco, de pele clara e cabelos lisos. Federico se encaixa nesse estereótipo e dele fez uso em sua juventude, como desabafa Caio ao lembrar que, quando criança, era tratado por ele com desdém. Ou seja, mesmo integrando um núcleo familiar que se identifica como negro, ele performava o ideal da branquitude em determinados espaços, evidenciando o limbo racial em que se encontra.

3. DO TRAUMA COMO HISTÓRIA, DA HISTÓRIA COMO TRAUMA: DO DUPLO OU DO AD INFINITUM HORRENDUM: ATÉ QUANDO?

Outro desdobramento possível da obra de Scott está relacionado à raiva, a qual é uma emoção intensa e poderosa. Geralmente, surge em resposta a situações percebidas como injustas, frustrantes, ameaçadoras ou prejudiciais. Além disso, manifesta-se



como um sentimento de irritação, indignação ou hostilidade em relação a algo ou a alguém. Pode variar em intensidade, desde um leve desconforto até uma explosão emocional mais forte e pode desencadear reações físicas e comportamentais. A raiva pode ser considerada, ainda, uma resposta natural a certos eventos, contudo, quando não é expressa ou controlada adequadamente, pode causar problemas nas relações interpessoais e na saúde emocional.

A raiva é uma das emoções humanas mais básicas, junto com a tristeza, a alegria, o nojo, entre outras. É frequentemente considerada uma emoção “negativa” por ser desagradável e ter o poder de causar prejuízos. É uma emoção complexa e que pode ter raízes profundas. A raiva pode surgir como uma forma de defesa as ameaças, tanto internas quanto externas, quando se experimenta o sentimento destrutivo em relação a si próprio, como culpa, impotência, incapacidade de lidar com determinado acontecimento.

A determinação dele, tão grande quanto a sua preocupação com o não cometer erros, é inatingível pra mim, como inatingível também é a sua raiva, a raiva que é um tipo de superpoder dele, um tipo de combustível aditivado que nunca se esgota. De onde ele tira essa raiva, é a pergunta que não deixo de me fazer (Scott, 2019, p. 151).

O excerto transcrito retrata a raiva como um aspecto poderoso e inatingível da personalidade do pai de Federico, que pode ser vista como um impulso emocional complexo. A incapacidade de lidar com a raiva pode estar relacionada a conflitos internos, resultando em uma sensação de impotência ou inadequação ao se comparar com alguém que parece ter domínio sobre essa emoção. Isso é potencializado, sobretudo, quando o homem racionalizador é indiferente (ao), xenoguerreiro (com), sacrificador (do), senhor-patriarca (do) e o devorador do mundo (do) **sujeito negro** (Ferdinand, 2022).

A violência que a raiva ocasiona pode ser projetada em outra pessoa ou em um objeto na intenção de afastar aquilo que pode afetar o sujeito. Ela pode guiar o comportamento futuro do sujeito, servindo-lhe até mesmo de força motriz para futuros (des)afetos.

A raiva gerada pelo racismo está presente nas três gerações da família. No pai, preto retinto que galgou obstáculos sociais e ocupou espaços geralmente ocupados pela branquitude. Em Federico, o amarelo que ocupa um “não lugar” racial e tem como carga a frustração de não haver tido a reação que acreditava ser necessária. E, por fim, na sobrinha, Roberta.

Em Federico, a raiva emerge primeiramente de forma violenta, na briga que futuramente afetará a vida de seu irmão Lourenço e da sua sobrinha Roberta.

Eu ponho a mão no peito dele, do cara da camisa manga longa do Grêmio, e empurro. Não faz isso, diz o cara da camiseta polo com o brasão do Grêmio bordado nas mangas. O da manga longa vem pra cima de mim. Dou um chute de planta do pé na barriga dele, um chute que ele não estava esperando. Ele se curva de dor. Dentro da minha cabeça algo explode, sinto uma euforia inusitada. E o tempo já não é o da vida, não o de como eu estava levando a minha vida antes do dia de hoje (Scott, 2019, p. 51).



A violência submerge para seu inconsciente e se torna a força motriz de seu posicionamento sociopolítico e no fracasso de suas relações interpessoais. Um passado que permanece presente na vida de Federico, como demonstra a escolha do autor ao utilizar o tempo verbal presente nos episódios passados. Retornar a Porto Alegre é reviver um trauma que lhe acompanha há mais de três décadas, fruto de um episódio ocorrido quando tinha 17 anos e que agora retorna com a prisão da sobrinha Roberta.

Sim, a situação da minha sobrinha era grave, mas era só uma parte dum inferno cuja paisagem eu não conseguia anular, por excesso de culpa, por fraqueza, onde a arma era só um detalhe, um objeto, um grão, um inferno que parasitava as consciências de todos os Federicos que, ao longo de mais de trinta anos, eu tinha sido, um inferno que tornava todos os outros infernos eventuais do cotidiano meras fagulhinhas na normalidade geral que o meu olhar, meu modo de ler a vida (Scott, 2019, p. 60).

Nessa reflexão profunda sobre a complexidade da situação vivida pelo narrador, o evento grave na vida de sua sobrinha, Roberta, torna-se apenas uma parte aparente de um quadro muito maior de angústia e sofrimento emocional. A frase; “era só uma parte dum inferno cuja paisagem eu não conseguia anular” sugere que, embora a situação específica da sobrinha fosse gravíssima e significativa, fazia parte de um conjunto de experiências dolorosas e traumáticas, além de trágicas, que permeavam a vida do narrador, Federico. O termo “inferno” representa uma série de eventos e emoções intensas. Dessa forma, há, aí, uma representação de um peso emocional do qual ele não consegue se livrar. Contudo, o que não se pode modular, romantizar ou atenuar, é o sofrimento gerado pelo racismo. Federico se comove com a situação da sobrinha, descreve a arma como apenas um detalhe, um objeto, sugerindo que, apesar de sua gravidade, é apenas uma representação física de um sofrimento muito maior e mais labiríntico. A referência aos “infernos eventuais do cotidiano” destaca como outros desafios e problemas do dia a dia, os quais poderiam ser considerados expressivos em circunstâncias normais, parecem pequenos diante dessa dor persistente e abrangente que ele enfrenta. Assim, isso sugere uma desproporção entre o que normalmente seria visto como problemático e o peso avassalador dessa situação mais ampla. Há, no excerto anterior, uma carga emocional e uma dor profundamente enraizada que o narrador carrega, em que uma situação grave e específica se torna apenas um fragmento de um sofrimento mais holista que ele enfrenta há décadas. Vale lembrar que a sobrinha traz uma pós-memória e será a agente de elaboração do trauma, pois é de uma nova geração, a qual tem ferramentas para enfrentar, resistir e tentar mudar o quadro desigual e racista.

Há mais um desdobramento possível, agora, em relação à sobrinha, Roberta, e Federico, o amarelo, e a ideia de duplo. Freud destaca que

[...] o âmbito do duplo, em todas as suas gradações e formações; ou seja, o aparecimento de pessoas que, por causa da mesma aparência, devem ser consideradas como idênticas; o incremento dessas relações por meio da transmissão dos processos psíquicos de uma dessas pessoas para a outra - o que deveríamos chamar de telepatia -, de tal modo que uma se apropria do conhecimento, do sentimento e das



vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo que esta perde o domínio de seu Eu ou transporta o Eu alheio para o lugar do seu próprio, ou seja, duplicação do Eu, divisão do Eu, confusão do Eu - e, enfim, **o eterno retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços fisionômicos, o mesmo caráter, o mesmo destino, os mesmos atos criminosos, o nome por meio de muitas e sucessivas gerações** (Freud, 2019, grifo nosso).

“Duplo” é a tradução do termo “doppelgänger” - esse conceito significa, literalmente, “o que anda ao lado” ou “companheiro de jornada”, sendo uma espécie de “sombra”, o que dá mais precisão em relação ao que é proposto, já que Roberta traz nos olhos a mesma raiva de Federico. A raiva das duas personagens nasce de episódios decorrentes do racismo e da desigualdade social - situações interligadas e que permeiam a existência dos negros no Brasil. A raiva da sobrinha deriva de uma violência extrema sofrida por uma amiga e pela culpa e efeitos que essa ação gera, como relatado no trecho em que Federico a visita na prisão:

Quer saber, Tô assim desde que a Mari, uma amiga minha, uma guria que eu amo, tomou uma bala de borracha da polícia direto no olho no mês passado, Foi numa manifestação contra essa merda de projeto de reforma do ensino médio do novo governo, este governo lho da puta pro qual tu tá trabalhando, e largou minha mão, O olho ficou dilacerado, Ela perdeu a visão pra sempre, Dá pra imaginar o que é isso, O pior de tudo é que ela foi na manifestação só porque eu insisti, Ficou comigo quando eu decidi ficar na linha de frente e peitar a polícia, Eu vi tudo, vi o cara que atirou nela, [...] E ontem, Ontem, Na minha cabeça uma coisa ficou me dizendo que se eles usassem balas de borracha contra aquelas mães e aquelas crianças, eu ia atirar, custasse o que me custasse, eu ia atirar, sussurrou (Scott, 2019, p.73)

À vista disso, a raiva pode ser lida como uma emoção protetiva. Seu propósito não é destruir a tudo e a todos, mas sim proteger aquilo que é importante - nesse caso, a existência como sujeito negro. Esse trecho traz à tona um turbilhão emocional experimentado por Roberta diante de um evento traumático e trágico durante uma manifestação. A raiva descrita aqui não é apenas uma emoção destrutiva, mas parece ser uma resposta à violência e à injustiça sofrida por alguém muito próximo. Além disso, a raiva, nesse contexto, pode ser vista como uma emoção preservativa, uma reação à sensação de impotência diante da brutalidade enfrentada por sua amiga.

A reação de Roberta à frustração de não intervir em uma situação em que se mostrou favorecida por sua aparente branquitude advém de uma tentativa de proteger não apenas a si mesmo, mas também à comunidade a qual pertence contra a opressão e as ações violentas da polícia. Essa ideia de “custar o que custasse” de Roberta pode ser interpretada como uma disposição para agir em defesa dos direitos e da dignidade, mesmo que isso implique em riscos pessoais ou consequências graves.

A mesma atitude inconsequente é percebida na briga iniciada pelo tio, quando tinha 17 anos e que resulta em uma ação violenta. Mas, ao contrário da sobrinha, que recorre ao uso de uma arma, ele passa a trabalhar em organizações em defesa de jovens negros. Assim, pode-se inferir que Roberta seria um duplo de Federico, pois ambos têm a raiva alimentada pela hesitação, inação, incerteza ou indecisão.



Aqui, dá-se o direito de trazer a voz lírica de Conceição Evaristo (2017), para relacionar com as possibilidades que poderiam ser apresentadas e vividas pela sobrinha:

Vozes-mulheres
A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Esse poema de Evaristo é uma narrativa potente sobre a jornada e a voz das mulheres negras ao longo das gerações, dando destaque às experiências de opressão, resistência e esperança transmitidas de uma geração para outra. No entanto, infelizmente, Federico e Roberta expressam a sensação de impotência diante desse “inferno” interior, mencionando culpa e fraqueza como obstáculos para lidar com essa situação, pois a sobrinha foi enquadrada:

E foi ao final das explicações e conjecturas, quando já tinha liquidado o Whopper e as fritas, que disse ter uma informação extra, algo que podia não dar em nada, mas que não era de se desprezar. Revelou ter escutado, no final da manhã, no próprio Palácio da Polícia, que alguém do alto escalão estava levantando a possibilidade de enquadramento da prisão de Roberta na lei antiterrorismo, lei que tinha entrado em vigor naquele mesmo ano de dois mil e dezesseis (Scott, 2019, p.73).



No entanto, todas as ações de Roberta e de Federico são *a posteriori* e em um âmbito seguro, por assim dizer. Não houve enfrentamento, pelo menos por parte de Federico em sua comunidade natal. Apesar de se predicar negro, a personagem amarela se vale da leitura social branca para transitar nesse grupo, beneficiando-se da proteção oferecida pelos sujeitos brancos. Paradoxalmente, sua identidade racial é rejeitada justamente por aqueles nos quais busca pertencimento. Roberta, também fruto de uma relação inter-racial, vale-se dos mesmos proveitos e pactos da branquitude.

A luta pela igualdade e a força de resistência podem ser aplicadas em todo mundo, porém no Brasil, como laboratório modelo de atrocidades, são mais urgentes. A esperança da voz lírica fica, por ora e dentro do romance, na esperança de Evaristo, pois esses dois sujeitos recebem as benesses do limbo racial. Federico, ao receber o benefício da dúvida mostra que *“o racismo é uma maneira de habitar a Terra”* (Ferdinand, 2022, p. 201, grifo do autor).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os efeitos do racismo em quem sofre são essenciais para se entender o Brasil. As memórias constituirão o inconsciente do indivíduo. A memória da escravidão e seus efeitos estão presentes em todos os aspectos do Brasil contemporâneo. Vive-se um presente repleto do passado traumático e trágico do racismo na escravidão e da escravidão no racismo. No Rio Grande do Sul, espaço geográfico onde se situa a obra e exemplo da política eugenista imigratória, os negros seguem lutando contra um apagamento histórico e pelo reconhecimento de sua existência. Assim como Federico, vivenciam a angústia do não lugar e do não pertencimento, concomitantemente aos muitos sujeitos de pele retinta, como Lourenço e seu pai, que vivenciam as dores da discriminação racial. O lugar do negro de pele mais clara é um não lugar, isto é; um “limbo racial”.

Vê-se que, embora em estado seminal, o que se designa como limbo racial se refere a uma situação ambígua ou incerta em que um sujeito ou grupo é colocado devido à identidade racial ambígua ou à dificuldade de se enquadrar em uma categoria racial específica. No contexto do colorismo, o limbo racial pode surgir, assim se entende aqui, quando um sujeito possui características que não se alinham claramente com as definições de raça – racialização, especialmente em sociedades nas quais existem hierarquias baseadas na cor da pele. Essa perspectiva do limbo racial, por meio das lentes do colorismo, destaca as tensões e complexidades dentro das comunidades racialmente definidas. Logo, pode resultar em experiências de discriminação ou de privilégios variados, dependendo do tom de pele, levando a um sentimento de não pertencimento ou de inadequação em relação às categorias raciais estabelecidas.

O limbo racial, nesse sentido, evidencia não apenas a complexidade das identidades raciais, mas também as injustiças e dificuldades enfrentadas por aqueles que não se enquadram claramente nas categorias raciais estabelecidas, devido às sutilezas do colorismo e à rigidez das estruturas raciais da sociedade brasileira, tal como Federico.

Por fim, Federico seria o fruto perfeito da miscigenação racial romantizada e projetada como nação nos séculos XVIII e XIX e defendida por teóricos como Gilberto Freyre.



5. REFERÊNCIAS

- AIMÉ, C. **Diário de um retorno ao país natal [1939]**. São Paulo: Edusp, 2012.
- ALEXANDER, J. C. Trauma cultural, moralidad y solidaridad: la construcción social del Holocausto y otros asesinatos en massa. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, Universidad Nacional Autónoma de México Nueva Época, v. LXI, n. 228, p. 191-210, set./dez. 2016.
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AUGÈ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 2023.
- BENTO, M. A. da S. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (Org.). **Psicologia Social do Racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 35-57.
- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DEMO, P. **Outra universidade**. Jundiaí: Paco editorial, 2014.
- DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaira, 2021.
- DURÃO, F. A. **Metodologia de Pesquisa em Literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.
- FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche] - (1919-2019)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- GABRIEL, R. de S. Novo romance de Paulo Scott discute 'hierarquia cromática' brasileira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/novo-romance-de-paulo-scott-discute-hierarquia-cromatica-brasileira-23881971>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- GUILLAUMIN, C. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, V. *et al.* (Org.) **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas. Recife: Edições SOS Corpo, 2014.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- IBGE. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agência IBGE**, Rio de Janeiro, 12 fev. 2019.
- KAPLAN, B. A. **Landscapes of Holocaust Postmemory**. London: Routledge, 2013.



MAJ, B. **Idea del tragico e coscienza storica nelle “fratture” del Moderno**. Macerata: Quodlibet, 2003.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PENNA, J. C. A experiência da violência. **Revista Metamorfoses**, v. 13, n. 1, p. 1-15, mai. 2015.

RIBEIRO, R. J. A dor e a injustiça. In: COSTA, J. F. **Razões públicas, emoções privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SPIVAK, G. C. **Crítica da razão pós-colonial**: por uma história do presente fugidio. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2022.

SCHUCMAN, L. V. **Famílias inter-raciais**: tensões entre cor e amor. Salvador: UFBA, 2018.

SCOTT, P. **Marrom e Amarelo**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2019.

VECCHI, R. Legados das memórias da guerra colonial: algumas reflexões conceituais sobre a transmissão intergeracional do trauma. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v. 5, n. 11, nov. 2013.

VECCHI, R. Subalternidades no(s) Atlântico(s) Sul. In: RIBEIRO, A. S; CALAFATE, M. R. (Org.). **Geometrias da memória**: configurações pós-coloniais. Coimbra: Edições Afrontamento, 2016.

VECCHI, R. Introdução - ressonâncias da pós-memória: contextos, vozes e trajetórias. **Ex Aequo**, n. 47, 2023.

Submetido em: **30/04/2024**

Aceito em: **30/11/2024**